

O Progresso Catholico

... sequor autem, si quo modo
comprehendam...

AD PHILIP. 3, 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA
LITTERATURA E ARTES

... ad ea quae sunt priora extendens meipsum
ad destinatum persequor, ad bravium
triumphi Ecclesiae... in Christo Jesu...

AD PHILIP. 13, 14.

SUMMARIO: — SECÇÃO DOCTRINAL: *A Milicia Christã* (XXIV) As Ave Marias, pelo rev.^{mo} sr. dr. José Rodrigues Cosgaya. — SECÇÃO HISTORICA: *Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus*, pelo rev.^{mo} sr. Padre João Vieira Neves Castro da Cruz; — *Recordação da minha vida*, pelo ex.^{mo} sr. D.ºm Antonio d'Almeida; — *Barbarismo*, Para variar, pelo ex.^{mo} sr. Alves d'Almeida. — SECÇÃO CRITICA: *A virtude é a grande força, que leva os pagos á felicidade*, pelo ex.^{mo} sr. Placido de Vasconcellos Mayz; — *O jornalismo*, pelo ex.^{mo} sr. M. F. Solariano; — *Prophecias*, pelo ex.^{mo} sr. Alves d'Almeida; — *Pensamentos e reflexões moraes*, pelo ex.^{mo} sr. Alves d'Almeida. — SECÇÃO THEOLOGICO-MORAL: *Impedimento matrimonial*; — *Decreto da Santa Inquisição romana e universal*. — SECÇÃO LITTERARIA: *Aos suicidas*, pelo ex.^{mo} sr. Alves d'Almeida; — *Suzanna*, pelo ex.^{mo} sr. Alves d'Almeida; — *Epigramma*, pelo ex.^{mo} sr. Alves d'Almeida; — *Alléluia*, pelo ex.^{mo} sr. Alves d'Almeida; — *Um rei*, pelo ex.^{mo} sr. Alves d'Almeida. — SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA: pela redacção. — SECÇÃO ILUSTRADA: *Leitura da lei na Synagoga*; — *S. Pedro Celestino, Papa e Confessor*, pela redacção. — SECÇÃO NECROLOGICA: pela redacção. — RETROSPECTO: pela redacção.

Gravuras: *Leitura da lei na Synagoga*; — *S. Pedro Celestino, Papa e Confessor*.



LEITURA DA LEI NA SYNAGOGA

SECÇÃO DOCTRINAL

A Milicia Christã

XXIV

AS AVE MARIAS

INSPIRAÇÃO celeste, que, desde a infancia, nos vem illuminando a mente e acariciando o coração, com lembranças do ideal mais bello, perfumes do mais suave, luz do sol mais claro e o murmurio dos caudalosos rios das eternas venturas do paraizo eterno, que imos buscando.

Som vibrante que se estende no espaço, espalhando suavissimas harmonias da piedade christã, convidando todos os crentes a disfrutal-as abundantes, se como racionais pensam e como christãos sentem quando ao romper do dia alegre alvorada, que nos chama a apresentar armas a Nosso Senhor, offerecendo-nos no novo dia a ir voluntariamente no seu serviço, por ser quem é sumuamente bom e por nos ter feito favores, como mais ninguem nos pôde fazer: Se ao meio dia, como para marcar uma pausa no trabalho diurno, reparando forças perdidas e podendo e devendo levar os nossos olhos ao céu, para nos lembrar que é aquella a patria aonde devemos dirigir os nossos passos. E se á tardinha, para irmos buscar o descanso da noite na esperança de sermos guardados pela divina Providencia até vermos um novo dia.

Harmonia suavissima, que enche de consoladoras alegrias cidades, villas e aldeias, e cujos echos vão perder-se no fragor dos montes, no recondito dos valles, nos outeiros principescos e nas mais augustas serranias, levando nos seus tons mysteriosos a memoria da mystica epopeia do christianismo, e a da apparição d'essa estrella matutina, Maria, em cujo seio formou o foco das suas misericordias, o sol meridiano, Jesus; o salvador dos homens, fazendo assim que os que imos tristes n'este valle de lagrimas vejamos ao longe horizontes de paz e de ventura, que nos esperam, se essa estrella nos guia e esse sol nos esquece no decurso da jornada, em que imos empenhados.

E' por isso que quando os sinos marcam o tom mysterioso das Ave-Marias, o crente descobre e inclina a cabeça, aviva-se-lhe a fé na mente, o amor e a esperança no coração e os labios espontaneamente dizem: *o anjo do Senhor annunciou a Maria e ella concebeu do Espirito Santo* — e continuam pronunciando a saudação do anjo a essa virgem sempre immaculada, e a resposta d'esta — *Eis aqui a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a vossa palavra;*

e como remate: *o verbo encarnou e habitou connosco*, com a gloria ao Padre, ao Filho e ao Espirito Santo, e a sua oração, d'onde se vê que d'esta sorte esses echos vão aqui e além relembrando os primordiales dogmas da nossa fé, levantando hymnos d'amor e fé ao Redemptor e á sua Santissima Mãe, e dando uma tregua nas nossas dôres, uma pausa na nossa jornada, uma esperança nos temores nossos, e um descanso nos trabalhos.

Lá na minha aldeia ao som do sino das Ave-Marias descobrem-se todos, todos oram, já em pequenos ocos espalhados pelos montes, campos e lareiras, já em individual, concorde oração, que em sympathica nuvem d'amor e d'esperança se eleva ao ar, deixando perfumada e mais amena a humilde aldeia.

Cá na cidade, por entre caudalosos raudaes d'illustração profana, descobrem-se pantanos incultos e insalubres, onde as salutaes brizas da piedade christã ou não penetraram, ou fôram suffocadas, morrendo por asphixia, produzida pela nuvem de deleterios miasmas em logares infectos exalados.

E' por isso que entre immensas multidões, que cobrem ruas e praças, quando o sino das Ave-Marias dá o compasso da oração, são poucos, ainda, os que se descobrem e oram: mas louvado Deus, são alguns, o que annos atraz não succedia; estes valem de muito, porque confessam a fé perante aquelles, que a não tem, ou que por respeitos humanos não se atrevem a confessal-a.

E convencer-se-lhão pouco e pouco que a fé e a piedade são mui formosos adornos tambem nos mais cultos cidadãos e uma e outra professarão essas grandes massas com grande honra e proveito para ellas, e não menor gloria para o Deus dos christãos, e virão então engrossar as gloriosas fileiras da milicia christã.

DR. JOSÉ RODRIGUES COSGAYA.

SECÇÃO HISTORICA

Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus

(Continuado da pag. 90)

CCLII

P. Guilherme Bougeant

ESTE nome ainda hoje resplandece nos annaes das sciencias, como o d'outros benemeritos religiosos da Companhia de Jesus.

Guilherme Bougeant occupa um lo-

gar distincto entre os historiadores modernos, e bem pôde collocar-se a par de João Mariana e de Famiano Strada, seus confrades.

Nasceu em Quimper (França) em 1690, abraçando o instituto de Santo Ignacio na idade de 16 annos. Falleceu em Paris, em 1743.

As suas obras, que versam sobre metaphysica, historia e religião, são notaveis pela clareza, precisão e elegancia com que estão escriptas. A sua *Historia da paz de Westphalia* é uma das mais classicas da sciencia do direito publico. Por muito tempo não houve homem de Estado que a não tivesse continuamente nas mãos.

Custa a comprehender como um religioso, que nunca se empregou em algum negocio publico, e que devia ignorar o que é a guerra, pedesse fallar bellamente d'esta arte e da politica. O principe Eugenio, famoso general do exercito allemão e o mais habil ministro e politico d'aquella epocha, não cessava de admirar e elogiar a obra historica de Bougeant.

E' tambem muito celebrado e estimado o seu Catecismo historico, dogmatico e pratico. E' considerado como o melhor livro d'este genero, se se exceptuar o Catecismo de Bourges, em francez, que tem por auctor o P. la Chetardie, cura de S. Sulpicio.

Todas as produções d'este jesuita são consummadas pela sabedoria das reflexões, investigações curiosas e interessantes, elegancia do estylo e desenvolvimento da materia.

O P. Guilherme Bougeant tinha costumes doces, maneiras affaveis, trato agradável, sendo tão estimado por estas qualidades como por seus talentos.

Tinha sido professor de humanidades em Caen e Nevers, e finalmente no collegio de Luiz o Grande, em Paris.

CCLIII

P. João Baptista Bonnaud

Nasceu em Lyon (França), no segundo quartel do seculo XVIII. Quando entrou na Companhia de Jesus, já tinha completado os seus estudos com muita distincção. Em breve foi extincta a sua Ordem.

Depois da morte de Montaret, Arcebispo de Lyon, em 1788, serviu de Vigario geral d'esta diocese. Era então Arcebispo de Lyon o grande Marbeuf, que muito estimou este jesuita.

Sucedeu a pouco trecho a grande Revolução, que, como é sabido, perseguio todos os que eram feis á religião, e ainda os seus mesmos partidarios.

O P. Bonnaud tinha publicado pouco antes a obra *Discurso sobre o estado ci-*

vil dos protestantes, a qual, se fosse seguida, salvaria a nação. E' uma obra cheia de bella doutrina. Elle foi preso e encerrado na igreja dos Carmelitas, sendo assassinado com outros muitos a 2 de setembro de 1792.

Este jesuita apresenta nos seus escriptos erudição variada, eloquencia e vigorosa logica. Publicou muitas obras em defeza dos bons principios religiosos e sociaes, tanto antes como durante a Revolução. Por ellas tinha jus a ser victima da grande catastrophe.

A obra que o tornou mais celebre e que com razão é interessante e mereceu geral estima, é a que elle escreveu contra as *Cartas*, attribuidas por Caraccioli a Clemente XIV, tanto antes de ser Cardeal como antes de ser Papa.

O P. Bonnaud provou que a maior parte d'aquellas cartas são apocryphas, sendo forjadas por seu panegyrista Caraccioli, que attribuiu áquelle Pontifice as suas opiniões liberaes e jansenistas.

Já o P. Richard, sabio dominicano, tinha dado a conhecer a falsidade das taes cartas, bem como outros sabios catholicos; mas nenhum provou e desenvolveu melhor esta these que o nosso jesuita João Baptista Bonnaud.

Faremos aqui notar que ainda hoje muitos citam com louvor as *Cartas de Clemente XIV*, como se ellas fossem authenticas, certamente porque ignoram que são forjadas por Caraccioli.

A obra de Bonnaud: *Memoria para se ler no conselho do rei*, publicada em 1787, em que o monarcha poderia achar traçados todos os seus futuros acontecimentos, é tambem notavel.

Escreveu, alem d'isso, algumas obras contra os decretos anti-religiosos da chamada Assembleia nacional.

Já se vê que todas estas obras eram motivo para que o nosso P. Bonnaud fosse barbaramente assassinado pelos jacobinos da França. Era o seu unico crime.

Os tres revolucionarios, civilisadores de nova especie, proclamadores dos *immortaes principios*, praticaram tantas atrocidades e salvagerias!...

O jesuita Bonnaud morreu como um heroe, verdadeiro martyr christão.

(Continua.)

PADRE JOÃO VIEIRA NEVES CASTRO DA CRUZ.

Recordações da minha vida

NA na Allemanha uma floresta tão espessa que por isto tem o nome de Floresta Negra; é medonha, embora suas arvores mais ou menos verdes; os viajantes apreciam-na pela noticia e ficam satisfeitos por a conhecer *de visu*.

Ha por'a outra Floresta Negra na Europa e muito mais extensa e ainda mais negra; é a sociedade moderna, que tem o negrume da desmoralisação, ás escuras voluntarias da luz da verdade. Ninguem duvida nem põe em duvida que a sociedade moderna esteja como um paul no qual só ha lama. Os paues podem ser desseccados, e depois d'esta operação tornarem-se em chãos feracissimos; assim aconteceu, *v. gr.*, com o paul ou lago di Fucino que o principe romano Dom Alexandre Torlonia com os seus dinheiros fez dessecar, e hoje é um vasto e fertil campo muito productivo. Os antigos romanos pagãos tentaram aquella mui notavel obra e não poderam leval-a ao fim; um principe catholico tentou-a e realisou-a. O nomeado principe catholico practico, e d'isto podemos apresentar provas pelo que ouvimos e vimos tantas vezes, fez tambem diversas fundações pias e uma d'estas foi o Hospital Torlonia servido pelas Irmãs de Caridade; fundou-o e dotou-o. Havia na Allemanha n'outros tempos bons usos filhos da crença catholica e do conceito reciproco entre aquelles allemães; por exemplo: encontravam-se no percorrer das grandes estradas e nos sitios mais desertos, mas por onde passavam viandantes e viajeros umas mesas com modestas refeições e ao lado uma lista dos preços de cada artigo, e sem guarda de pessoa alguma; de tanto em tanto ia o dono áquelle logar para colher a importancia do que tinha sido tomado e para refazer a mesa. Eis aqui apontada uma interessante amostra do que era n'aquelles tempos a moralidade publica; se agora fossem postas d'aquellas mesas, e n'aquellas condicões em qualquer estrada, seriam roubadas mesas e contheudo, que, quando muito, teriam tido por guarda alguma bomba bem recheada de explosivos e deixada pelo roubador. N'estas recordações é mister exaral-as logo que vêm, evitando que passem. E' a Deus que tudo está presente, e nada esquece! Fallamos acima da Floresta Negra na Allemanha e dissemos que havia uma outra floresta, mas no sentido figurado; da outra tira para esta a negrura, a escuridão, sendo a segunda incomparavelmente mais escura que a primeira, pois que n'esta penetra ainda algum raio do sol aqui ou acolá. Na Floresta—Negra—Social—Actual é por forma a escuridão que até as luzes são trevas, conduzindo ás trevas eternas. Tal escuridão é filha da falta voluntaria do não querer a illuminação da luz imensa e sempre eterna, a divina verdade! E' tanto assim é que os associados ou antes juntos e entusiastas pela sociedade moderna ou modernissima não sabem onde têm a cabeça senão quando

se cabeçam uns contra os outros, o que dá de continuo, e isto chamam elles em sua escuridão: progresso e civilisação moderna, porque as descobertas de agora appareceram no tempo d'elles; sophisma no caso. O estado actual da sociedade é o da degeneração da sociedade e assim a escuridão do cahos, que desaparecia logo que os degenerados se resolvessem a buscar e abraçar a luz da verdade eterua, que é o sol que allumia, vivifica, e derrete o gelo que esterilisa para o bem o coração e as mentes; e se a esta conclusão chegamos pelos argumentos theologicos, a ella tambem se vai pelos argumentos philosophicos; a theologia e a philosophia osculam-se em Deus! São irmãs amigas e gemeas. As antigas jornadas a cavallo, em caleça e liteira, eram mais pittorescas por seus variados incidentes; agora são mais commodas, e prosaicas. Recordemos um d'aquelles incidentes; chegava eu em jornada de Coimbra para o Porto á estalagem de Albergaria-a-Velha depois do occaso do sol; subi e desci até á porta como em diversão, e olhando para o lado do Porto vejo que vinham duas muaras, cada uma d'estas trazia duas grandes malas sobre as quaes vinha assentada cada uma d'aquellas senhoras, e o arrieiro guiando; chegada á porta aquella caravana, começa logo uma discussão; as senhoras não queriam ir para diante porque se aproximava a noite, o arrieiro insistiu em adiantar a jornada, e a final venceram as senhoras. Todo aquelle conjuncto fez-me especie, parecendo-me não ser indiscreto no perguntar ao arrieiro: quem são estas senhoras? é a princeza prima de Carlos Alberto e uma senhora que a acompanha, quer dizer, era a princeza de Molliar, que fundou a capella que está dentro do recinto dos jardins do Palacio de Crystal na cidade do Porto, e que vinha acompanhada pela que era ou fazia de sua dama de *honor*. Durante aquella pia construcção, a mesma princeza esteve por mais d'uma vez no Porto e sempre n'um incognito que depois d'algum tempo para todos era cognito. Concluida a capella, ornamentada e com tudo que exige a celebração dos santos officios, de tudo fez entrega ou doação a princeza á familia real e nunca mais voltou ao Porto. Fica já mencionada a piedade da princeza que tambem era senhora de bastante fortuna, pois que á sua custa fez aquella obra pia, de custo. Depois do incidente de Albergaria-a-Velha encontrei-me em Paris com o principe de Molliar, pae da respeitavel princeza referida, e em conversação pedi-lhe licença, por delicadeza, para lhe contar o incidente de Albergaria; o principe ouviu sem des-

gosto a referencia e disse: Minha filha gosta de viajar assim.

Os principes que o são têm a modestia que acompanha sua educação tradicional, o tradicional vale muito, e recebe-se sem que se sintam como é transmittido insensivelmente; o modernismo não comprehende isto; para *mon-sieur l'esprit moderne* só ha o hoje que elle apalpa, é elle sceptico pirronico e materialista, é d'alma damnada.

A tradição vem do passado; ora, o modernismo só quer o novo e aborrece o passado, e por isto faz guerra ás tradições de toda a especie, sejam religiosas, sejam politicas, sejam de cousas, sejam de pessoas, sejam nacionaes, sejam locais, sejam de familia, enfim contra tudo que merece o respeito como tradicional. A tradição com todas as suas verdadeiras condições é fonte de verdade, de sciencia, é mestra, e quando assim eleva-nos a Deus!

DOM ANTONIO D'ALMEIDA.

Barbarismo

PARA VARIAR

Aos admiradores do celebre Marquez de Pombal e, por consequencia, da recta justiça do seu tempo, apresentamos hoje o mais que tu-carou documento que no dia 13 de janeiro de 1759 fez reduzir a cinzas os desgraçados que na madrugada de 3 de setembro do anno anterior... haviam attentado contra a vida do infeliz D. José I, documento a que aprouve dar-se o doce nome de

Sentença

Accordam os do conselho e desembargo d'El-Rei Nosso Senhor, etc. etc. que

Vistos estes Autos que na forma da Lei e decretos de Sua Magestade se fizeram Summarios aos réus — José Mascarenhas, ex-Duque d'Aveiro — D. Leonor de Tavora, ex-Marqueza de Tavora — Francisco de Assis de Tavora, ex-Marquez de Tavora — Luiz Bernardo de Tavora, ex-Conde de Tavora — D. Jeronymo d'Athaide, ex-Conde d'Atunguia — José Maria de Tavora, ex-Ajudante d'ordens do Marquez seu pae — Braz José Romeiro, ex-Cabo d'esquadra da companhia do réu Luiz Bernardo de Tavora — Antonio Alvares Ferreira, José Polycarpo d'Azevedo, Manuel Alvares Ferreira, ex-Guarda-roupa do réu José Mascarenhas — João Miguel, ex-Moço d'acompanhar do mesmo réu José Mascarenhas, e mais depoimentos e papeis juntos, allegações,

artigos e defezas pelos mesmos réus offerecidos, etc. etc.

O que tudo visto e ponderado, e o mais que dos Autos consta, com a resolução que o mesmo Senhor foi servido tomar em Consulta d'esta Juncta, ampliando a Jurisdicção e Alçada d'ella para que possa estender as penas merecidas por estes infames e sacrilegos réus, de maneira que possa haver a possivel proporção com as suas execrandas e escandalosissimas culpas:

Condemnam ao réu José Mascarenhas, que já se acha desnaturalizado, exauctorado das honras e privilegios de portuguez, de vassalo e criado, degradado da Ordem de San-Thiago de que foi Commendador, e relaxado pelo Tribunal das Ordens a esta Juncta e Justiça Secular que n'ella se administra, a que, como um dos tres Cabeças ou Chefes principaes d'esta infame conjuração e do abominavel insulto que d'ella se seguiu, seja levado com barago e pregão á Praça do Caes de Belem, e que n'ella, n'um Cadafalso alto, que será levantado de maneira que o seu castigo seja visto por todo o povo a quem tanto tem offendido o escandalo do seu horrorosissimo delicto, depois de rompido vivo, quebrando-se-lhe as oito canas dos braços e das pernas, — *oh barbaros tigres... sedentos da mais atroz vingança!* — seja exposto n'uma roda para satisfação dos presentes e futuros vassallos d'este reino: e a que, depois de feita esta execução, seja queimado vivo com o Cadafalso até que tudo seja reduzido a cinzas e a pó, que serão lançadas ao Mar, para que, nem d'elle, nem de sua memoria, haja mais noticia. — *Malditos selvagens!*

E posto que como reu dos abominaveis crimes de rebellião, sedição, alta traição e parricidio, se ache já condemnado pelo Tribunal das Ordens na confiscação e perdimento de todos os seus bens para o Fisco e Camara Real, como se tem praticado nos casos em que se hão commettido crimes de Leza-Magestade de primeira Cabeça: com-tudo, attendendo a ser este caso tão inopinado, tão insolito e tão estranhamente horroroso e incogitado pelas Leis que, nem ellas para elle deram provimento, nem n'elle se pode achar castigo que tenha proporção com a sua desmensurada torpeza, se supplicou ao dito Senhor em Consulta d'esta Junta, com cujo parecer foi Sua Magestade servido conformar-se, ampla Jurisdicção de estabelecer todas as penas que se vencessem pela pluralidade de votos, além das que pelas Leis e Disposições de Direito estão determinadas: e, considerando-se que a mais conforme do Direito é a de escurecer e desterrar — por todos os modos — a lembrança, o nome e a recordação de tão enormes delin-

quentes: condemnam outrosim ao mesmo réu, não só nas penas de Direito commum para serem derrubadas e picadas todas as suas Armas e Escudos em qualquer parte que se encontrem, e as casas e edificios de sua habitação demolidos o arrazados de sorte que d'elles não fique signal, sendo reduzidos a campos e salgados, mas tambem a que todas as casas formaes ou vinculos por elle administrados n'aquellas partes em que houverem sido constituidos em bens da Corôa, ou que houverem sahido d'ella por qualquer modo, maneira ou titulo que fosse, como por exemplo o foram os bens declarados nas Duagões da Casa d'Aveiro e outros semelhantes, sejam confiscados e perdidos desde logo com effectiva reversão e encorporação na mesma Corôa d'onde sahiram, sem embargo da Ordenação do liv. 5, tit. 6, § 15, ou de quaesquer outras Disposições de Direito ou clausulas das Instituições e Duagões, por mais exuberantes e irritantes que sejam, — consultando-se ao dito Senhor esta decisão com a supplica do mandar cassar, averbar e trancar na Torre do Tombo, e nas mais partes on-le pertencer, os sobreditos titulos para que, como cassados e annullados, se não possam mais extrahir copias d'elles, nem serem admittidos em Juizo ou fora d'elle as que já se acharem extrahidas em mãos particulares, as quaes não terão fé nem credito algum para se poderem allegar, produzir ou attender em qualquer Auditorio ou Juizo; mas antes, logo que forem apparecendo, serão sequestradas e remettidas ao Procurador da Corôa para serem laceradas e rotas como nullas, para, como taes, não poderem, em caso algum, produzir effeito ou prestar impedimento.

O mesmo mandam que se observe pelo que pertence aos prazos de qual-quer natureza que sejam, com a providencia estabelecida sobre a sua venda em beneficio dos direitos senhorios, pela Ordenação do liv. 5, tit. 1, § 1. Pelo que pertence porém aos outros Morgados constituidos com bens patrimoniaes dos instituidores que os fundaram, declaram que se deve observar em beneficio dos que n'elles houverem de succeder, como se acha determinado pela Ordenação do liv. 5, tit. 2, § 15. — *Uma limpeza! Isto é que é legislar!*

Nas mesmas penas condemnam ao réu Francisco de Assis de Tavora, tambem Cabeça da mesma conspiração, persuadido pela ré sua mulher e, igualmente, já desnaturalizado, exauctorado e relaxado pelo Tribunal das Ordens a esta Juncta e Justiça Secular que n'ella se administra. E, ponderando-se com a severidade e circunspecção que n'esto caso eram indispensaveis, que

não só o dito reu e a ré sua mulher, se fizeram Cabeças pessoas d'esta nefanda conjuração, traição e parricídio, mas que também fizeram estes enormissimos delictos communs a sua familia, jactando-se com fatua e petulante vaidade de que a reunião d'ella lhes bastaria para se manterem n'aquellas horrorosissimas atrocidades: mandam que nenhuma pessoa de qualquer estado ou condição que seja, possa, da publicação d'esta em diante, usar do appellido—**Tavora**—sob pena de perdimento de todos os seus bens para o Fisco e Camara Real, desnaturalisação d'estes reinos e senhorios de Portugal, e perdimento de todos os privilegios que lhe pertencam como naturaes d'elles.

Aos dois ferozes monstros Antonio Alvares Ferreira e José Polycarpo d'Azevedo, que dispararam os sacrilegos tiros—*Hypocritas!*—de que a Suprema Magestade de El-Rei o Senhor D. José I recebeu a offensa, condemnam a que, com barão e pregão, sejam levados á mesma Praça de Belém, e que, sendo n'ella levantados em dois postos altos—*oh monstros!*—se lhes ponha fogo que vivos os reduza a cinzas e a pó que serão lançados ao Mar na sobredicta fórma: condemnando-os ainda na confiscação de todos os seus bens para o Fisco e Camara Real, e na demolição e arrazamento das casas em que moravam, sendo proprias, em cujo caso serão também salgadas.

E porque o réu José Polycarpo d'Azevedo se acha ausente,—*Que Deus lhe perdoe, mas fez muito bem!*—o dão por banido: e mandam ás Justiças de Sua Magestade que appellidem contra elle toda a terra. (!!!) para que seja preso ou para que cada qual o possa matar, não sendo seu inimigo:—*Novo accesso de raiva!*—e no caso que seja apresentado preso nos dominios d'este reino ao Desembargador do Paço, Pedro Gonçalves Cordeiro Pereira, Juiz da Inconfidencia, a pussoa ou pessoas que o apresentarem, receberão á vista o premio de dez mil cruzados ou o de vinte mil, sendo capturado em paiz estrangeiro, além das despezas de jornada que se tiverem feito.

—*Quatro ou oito contos era quantia sufficiente para a captura do desgraçado!*

Aos reus Luiz Bernardo de Tavora, D. Jeronymo d'Athaide, José Maria de Tavora, Braz José Romeiro, João Miguel e Manoel Alvares Ferreira, condemnam a que, com barão e pregão sejam levados ao Cadafalso levantado para estas execuções, no qual, depois de terem sido estrangulados e de, successivamente, se lhes havèrem rompido as canas dos braços e das pernas, serão também reduzidos a cinzas e a pó que

serão lançadas ao mar, como acima dicto fica: e os condemnam outrosim na confiscação e perdimento de todos os seus bens para o Fisco e Camara Real: e, ainda na dos que forem vinculos constituidos com bens da Corôa, na fórma acima declarada, ou ainda prasos, além da infamia em que hão por incursos seus filhos e netos, de lhes serem demolidas, arrazadas e salgadas as casas de sua habitação, sendo proprias, e de se lhe derrubarem e picarem todas as suas Armas e Escudos, etc. etc.

Até os filhos e os netos, ó manes dos Tavoras!

A ré D. Leonor de Tavora, mulher do reu Francisco de Assis de Tavora, relevando-a—*Que sarcastico cynismo!*—de maiores penas que por sua culpa merecia, condemnam tam sómente a que, com barão e pregão seja levada ao mesmo Cadafalso, e que n'elle morra morte natural para sempre, sendo-lhe—*por extrema attenção, já se vê!*—separada a cabeça do corpo, e a que, depois de queimada, sejam suas cinzas lançadas ao Mar, na sobredicta fórma. Outrosim condemnam a mesma ré na confiscação e perdimento de todos os seus bens para o Fisco e Camara Real, comprehendendo-se n'esta confiscação os vinculos que forem constituidos por bens da Corôa e os prazos, com todas as mais penas que ficam estabelecidas para a extincção de toda a lembrança e memoria dos reus José Mascarenhas e Francisco d'Assis de Tavora.

—*Consummatum est!*

Palacio de Nossa Senhora da Ajuda; em Juncta de 12 de janeiro de 1759.

Rubricada por tres Secretarios de Estado e seis Desembargadores do Paço.

Aonde estarão agora estes maldictos?! Naturalmente... nas profundas do inferno, que Deus é justo!

Deparamos ha tempos com esta pavorosa Sentença n'um livro velho, e pareceu-nos digna de registro nas paginas do *Progresso Catholico*, para que todos vejam o maior barbarismo—sem duvida—do seculo XVIII!

As nunca vistas crueldades que acabamos de transcrever, dariam farto assumpto para grossos volumes; mas nós apenas diremos que, depois do que se havia dado... forçoso era punir, e punir de maneira a desfazer de tão renitente como poderosa nobreza. Mas não bastaria um degredo perpetuo... para a Libya ardente ou para as Terras de Sancta Cruz?...

Crêmos que sim; mas não bastou, porque a maldicta *Sentença*, erma de justiça, como se vê, abunda em crudelissimos odios e barbaras vinganças... de que talvez os selvagens do Cabo da Guarda-Fui, ou quaesquer outros, não seriam capazes!

Que no louco ardor d'uma guerra bruta se mate, intende-se bem; mas que no assento da Justiça tome lugar o mais atroz barbarismo... para, a sangue frio, legislar crueldades... só proprias de raivosos e damnados tygres, não se comprehende!

Seria possivel que hoje se lavrasse e se accettesse uma tal *Sentença*? Deus o sabe.

E' justo castigar o crime; mas só o crime: e alli vôem-se a atrocidade e a vingança... de mãos dadas contra aquella desgraçada familia... desde a primeira á ultima palavra... Chispando sempre infernaes labaredas de fogo, que logrou devorar os pobres Tavoras! E devoral-os... para sempre... sobre a terra, aonde soffreram martyrio com os olhos no céo!...

Agora duas perguntas que ainda se prendem á triste historia de que vimos fallando:

Sabe alguém dizer-nos qual foi a vida do celebre Padre Gabriel Malagrida desde a queda dos Jesuitas até 21 de setembro de 1761?

Havia na familia Tavora uma rara belleza de 20 annos em janeiro de 1759 chamada Thereza de Tavora, esposa do conde Luiz Bernardo de Tavora e filha da marquezia de Tavora?

Crêmos que sim. Se a havia, que fim teve, de que morte morreu e quando?

Muito desejaríamos que alguém nos respondesse categoricamente a estas duas perguntas n'este mesmo *quinzenario*, para tirar-nos d'uma grave duvida... e até d'um certo escrúpulo de consciencia, cuja resposta desde já agradecemos a quem fizer o favor de nol-o dar.

A pavorosa *Sentença* não falla d'ella, e comtudo esteve com sua familia no carcere, e sendo Tavora, não foi suppliciada. Que mysterio!... Pobre criança! Faz pena o lembrar-se a gente d'ella!

ALVES D'ALMEIDA.

SECÇÃO CRITICA

A virtude é a grande força,
que leva os povos á felicidade

DIZEM os factos que só são grandes e prosperos os povos e as nações onde a virtude predomina na maioria dos cidadãos. Pode uma nação possuir muitas luzes, grandes escriptores, grandes talentos, grandes capitaes, grandes exercitos e formidaveis esquadras; tudo isto nada vale se a virtude, o temor de Deus, a crença e a fé religiosa não tem ali o seu culto.

Bem poderoso era o imperio romano, bem aguerridos e numerosos os seus exercitos; grandes as riquezas accumuladas, grandiosa a fama das suas glorias militares e dos seus triumphos litterarios e scientificos; pois, apesar de todas estas exterioridades de força e grandeza, logo que a virtude deixou de ser o apanagio dos cidadãos, bastou a investida dos povos barbaros do norte para fazer baquear no abyssino profundo da degradação moral, esse colosso que chegou a dominar no antigo mundo.

Outros povos, tanto da antiguidade como dos tempos modernos, tem soffrido iguaes desenganos.

Para exemplo tomemos o povo francez, o qual habitualmente tomamos por guia.

A França em quanto seguiu pela direcção que lhes imprimiu o sabio e prudente governo de S. Luiz, de Henrique IV e Luiz XIII, chegou a ser grande e poderosa, grande pela disciplina e pela virtude dos cidadãos, pela pericia de seus generaes, pelo valor de seus soldados, pela grande quantidade de sabios, de litteratos, de oradores sagrados e profanos e d'artistas insignes que possuía, conseguindo accumular grandes riquezas, de que fazia uso prudente. Principiou, porém, a decalhr d'essa grandeza desde o reinado faustoso e demoralizador de Luiz XIV, cujas devassidões scandalisaram as consciencias rectas; na mesma esteira singraram os reinados de Luiz XV e do Regente: de forma que de tal podridão sahiram os effluvios venenosos com que Voltaire contaminou a atmospheria social da França, seguido pelo famoso publicista J. J. Rousseau, que corouo com a sua venenosa doutrina o edificio principiado por Voltaire; tornando possivel no meio d'uma sociedade christã e catholica as scenas brutae, só proprias dos Cafres barbaros, que se desenvolveram de 1789 a 1794; scenas que lançaram uma nodoa negra sobre a historia brilhante da christianissima França, do tempo da monarchia.

O que foi a França no periodo de 1589 a 1628 e o que é actualmente, apesar da mão de verniz que lhe dá a apparencia d'um coquetismo, d'uma opulencia e de um poder que nada tem de solido! porque a familia franceza acha-se dividida pelo antagonismo, na familia por causa da lei dissolvente da partilha forçada, na officina por causa do scepticismo dominante e pelo egoismo que destroe o laço d'amor e caridade que naturalmente liga os patrões aos operarios e estes aquelles, em quanto o espirito religioso domina a sociedade. Assim a França, a orgulhosa França acha-se enfraquecida no seu organismo interno, desorganizada a familia, desorganizada a propriedade, e a descen-

ça e a immoralidade cada vez mais saliente e produzindo mais profundos estragos. São estes os fructos do esquecimento dos seus deveres moraes e dos erros que n'ella semeou a doutrina dos tres falsos dogmas de Rousseau, que servem de base á doutrina revolucionaria. Ora, sendo a religião, a familia e a propriedade o fundamento de toda a sociedade estavel, encontrando-se estes abalados e pouco firmes, é claro que falta ao edificio social todas as condições de segurança e estabilidade.

Assim, se pretendemos ser tidos na conta de povo previdente e sensato, aprendamos dos males dos outros a evitar os escolhos e os perigos que os arrastaram á situação perigosa em que elles se encontram actualmente. Sem temor de Deus, sem creança na vida futura, não pôde haver bom regimen social: está na pratica da Lei de Deus a solução de todos os problemas sociaes, que hoje assoberbam todos os governos e todos os povos. Voltem uns e outros aos principios tradições da paz social, deixem-se todos d'essas panaceias d'invenção humana que nada remedeiam, antes cada vez mais aggravam e complicam as enfermidades sociaes. Só a lei eterna do Decalogo pode acudir com remedio efficaz para tão perigosas enfermidades. Voltemonos para Deus, pratiquemos a virtude e a sociedade será salva, sem abalos, e sem perturbações perigosas.

PLACIDO DE VASCONCELLOS MAYA.

O jornalismo

N'ESTE seculo de tantas e espantosas evoluções scientificas, e em que a Igreja tem supportado os ataques infamantes dos seus adversarios, já derrocando para o cataclysmo do esquecimento, perante o seu fulgor, os ideaes dos heroes da infancia, já aureolando os espiritos e ensinando o verdadeiro caminho, que o homem, a estrella sem brilho, deve trilhar n'esta Babylonia sem norte, n'esta Sadoma abrazada de idéas mais corruptas que as corruptas messalinas, e finalmente, n'este cahos mais purrido que as aguas do Averno, alastra-se, como o reptil na seara, na sua quasi totalidade o-jornalismo.

Onde é que o homem muitas vezes, por mero capricho, offende a religião que teve começo ha quasi dezenove seculos?

—E' no jornalismo!

Onde é que o homem, em pró dos seus interesses conspurca a fama illustre de individualidades distinctas?

—E' no jornalismo!

Onde é que o homem, pugnando pela verdade, se ergue ao pantheon da gloria?

—E' no jornalismo!

E' no jornalismo que idéas peçonhentas se propagam e é n'elle proprio que ideaes sublimes triumpham.

Se o homem do moderno jornalismo heretico, em trenos blasphematorios e phrases corruptas, desdenha da omnipotencia da Igreja, é porque no cerebro d'esse ente apenas estão gravados os brindos irrisorios de amigos corruptos como elle.

E' porque diante de si só vê a lisonja ornamentada com os seus erros, mas a quem não pôde encarar de perto.

E' porque a seus ouvidos só soam as gargalhadas blasphemias e os ultrajes sacrilegos contra a Esposa de Christo, e é porque não sente em sua alma o martyrio e em seu peito a dôr dilacerante, que, com as suas doutrinas satanicas, lança em almas nobres e peitos sacrosantos nas suas creanças religiosas.

Por ventura, uma gargalhada será, da verdade, traducção mais crível que a dôr?

N'este ponto prescinde-se da sciencia dos philosophos para dizer bem alto o terrível non.

E' que na vida jornalistica, o homem tem a luctar ou hasteando nos pincaros da lucta a bandeira da verdade, reprimindo o mal que se entranha na sociedade, origem da depravação moral, ou então, triste é dizel-o, envolto no erro, cobrindo de sarcasmos tudo quanto encerra bem.

Infelizmente, vemos com grande espanto o progredir desolador da trama de Satanaz, em quanto a filha dos céos, cercada de vermes pestiferos, que tentam (*horribile dictu*) corrompê-la, perpassa altaneira, derrocando pouco e pouco de espiritos immergidos na profunda styge da infamia as illusões crueis que se despenham para escumbros horrorosos, como as folhas aos rijos tufões do outono se alastram pelos campos.

Quem não se enjoará, vendo que certas folhas, (...) que mais é para agradar, com suas estultas verrinas, a uns pedantes que alardeam sabedorias e explorar os incautos, insultam (muitas vezes por ouvirem!) as creanças religiosas d'um povo, que conta em seus filhos, antepassados dos viventes, feitos de heroico valor christão?

A quem não repugnará (sendo adepto da verdade, hem se entende) ler esses immundos embrulho — pamphletos, (se ainda merecem este nome! santo Deus) que, com o descaramento que lhes é proprio, ultrajam a um Deus, a quem todos devemos uma innumerabilidade de favores, e a quem todos de-

vemos reverenciar como Pae celestial?

Não precisam de resposta estas interrogações, porque, no animo de todos os amigos da verdade, lavra-se um protesto de indignação, e é essa a replica mais firme contra esses detractores, que estão mais longe do bom senso que o nucleo rolar das profundas entranhas da terra.

Que erros não propaga, mesclados de calumnias infamantes, o Grão-mestre dos jornaes. . . maç. . . — valha-me Deus, quero dizer — insolentes, o corrupto *Seculo*?

Accenderam-se já tantas vezes os pharoes da sciencia, que já quasi vão apagados!!!

M. F. SOLARIANO.

Prophecias

DOUCA gente hoje, desgraçadamente, acredita em vaticinios, — o que não é para espantar. . . n'uma epocha de descrença aberta, — sendo que a maior parte os taxa de «pios embustes»; mas, posto que o sejam, ainda assim podemos affirmar-lhes que «mais vale a mentira que moralisa, do que a verdade que corrompe»: e, partindo d'este principio, vamos apresentar aos leitores tres, d'entre cinco que ha annos temos em nosso poder. Falsas ou verdadeiras ahi vão:

Predicções de S. Simplicio (*)

Vaticina este sancto, que foi tribuno de certa cohorte romana no seculo 10.º, a queda do imperio ottomano em 1890, parte do qual será possuido pela Gran-Bretanha, cujo poder e orgulho lhe acarretará alguma ruina em 1892; o augmento da França, pela colligação com a Inglaterra, em 1896 a 1897, pelo poder d'um descendente do maior conquistador do mundo, e a sua anniquilação n'um Estado de 2.º ordem, em 1898; a destruição da Prussia e o augmento da Austria, em 1899; a reunião de todas as republicas americanas, debaixo d'um só chefe, em 1900; o engrandecimento do imperio do Brazil, bem como a sua reunião a Portugal, em 1901; a proclamação da liberdade, egualdade e fraternidade evangelica, por toda a parte, em 1902; e, finalmente, a ressurreição universal em 2000.

Frei Paulo (*)

Este frade, que foi monge varatoja-no, prediz: Que no anno de 1905 ap-

parecerá o Anti-Christo. . . que dará aos Reis grandes mostras de amizades para melhor os captivar. Que entrará em Córdova com um exercito de 150:000 homens, e que d'alli, passando á Luzitania, espalhará por toda a parte a desgraça, a morte, a destruição, a impiedade e a desmoralisação, em 1912. Vaticina nova organisação d'alguns Estados em todo o mundo, 1918, anno em que os lusitanos começarão a pretender sacudir o jugo britanico; estabelecimento do absolutismo razoavel, em 1930; queda da monarchia luzitana, em 1931, terminando por dizer que o Anti-Christo se chamará — Amphaim — e que a duração do seu reinado que começará aos 30 annos, será de 12 e meio.

Beato Antonio de S. João Evangelista (*)

Vaticina: Terá fim a nossa dôr, em boa razão no fundo: terá melhoras o mundo; e, quando estiver n'isto, não terá detença mediante alguma virtude; porque é certa a saude logo que passe a doença. Virá um rei muito affanoso d'outra sorte criado; e, para nosso Estado, muito triste e venturoso, mui bellos fructos trará.

E ponto.

ALVES D'ALMEIDA.

Pensamentos e reflexões moraes

Nunca te esqueças d'isto: O homem vive 80 a 100 annos o maximo. E depois. . . Deus, sempre, nunca! Pense bem n'estas tres palavras.

O presumpçoso é um tolo sem consciencia.

Ensina a teus filhos, desde pequeninos, que existe um Deus creador de tudo a quem se deve amar e venerar; porque depois, ou os ensinarás ou não.

É mais facil o pobre economico chegar a ter o bastante, do que o rico perdulario não vir a carecer do necessario.

D'um só homem mau pode vir a ruina d'um grande povo, assim como d'um bom pode vir a sua salvação ou engrandecimento.

A tôla presumpção não acceita o bom conselho, porque antes quer acabar miseravel do que ouvir a voz da boa razão.

Ninguém poderá educar uma creança com alguma perfeição, sem que primeiro faça um particular estudo da sua indole; porque ha caracteres tão sensiveis, que uma leve reprehensão os corrige, ao passo que ha outros para quem é necessaria a maxima re-

pressão. . . que sem duvida perderia aquelles.

A descrença religiosa pode chamar-se a mãe da maior parte dos males da terra; mas a crença, levada ao verdadeiro fanatismo. . . tambem pode produzir alguns.

Não leves a vida a murmurar: Já que não podes vencer-te, olha para ti, e verás que Deus desculpa as fraquezas do teu semelhante.

Dois são os meios de corrigir: Suasorio e repressivo; mas d'este só debes lançar mão depois de bem certo da inefficacia d'aquelle.

Foje do homem perdido como d'um bando de lobos; mas se elle um dia te pedir seis vintens. . . dá-lhe doze, para que não volte a pedir-te vinte e quatro.

Se toda a mulher formosa fosse sensata e boa, ninguém veria uma bella na miseria; mas a formosura feminina quasi sempre é uma louca que não vê nem ouve, nem pensa, nem medita. . . por causa do maldito toucador!

Não confies muito no homem calado nem tampouco no muito fallador, porque são os dois extremos viciosos. O melhor lugar é o do meio.

É mais facil escapar-se das garras d'um tigre, do que das ciladas do mau.

O homem que promete muito, quasi sempre dá pouco ou nada.

A principal causa da desmoralisação. . . é o homem ser um devasso, quando não é um perverso. . . sem alma, nem consciencia!

O espelho é a felicidade da mulher sensata que ao defrontar com elle viu sorrir-lhe a sua belleza, e a perdição da tôla que nunca deveria ter contemplado a formosura.

A liberdade do homem ficaria mal á mulher, dizem alguns. Mas os direitos são eguaes, dizemos nós. Porte-se o homem como deve, e verá que a sua liberdade não fica mal á mulher, porque deixará de ser «Licença para tudo!»

Correr atraz de quem foje, — so não é um criminoso, — é loucura ou cobardia.

Que se diria d'un legislador que dissesse a um bando de salteadores: «Ide, e se vos aprouver, podeis roubar á vontade porque não sereis vós os castigados, mas sim os fracalhões que se deixarem roubar?!» Uns lhe chamariam louco, outros barbaro, outros ermo do mais razo senso commum, não é assim? . . . E comtudo elle se tolera e se apoia, quando por outras palavras diz nas nossas leis: «O homem pôde, em qualquer estado, ser um libertino, um devasso, um prejuizo, com toda a mulher; mas a mulher nunca poderá deixar de ser casta e honesta. Trema a innupta da justa indignação de seus paes; a viuva, do escandalo publico, e a casada. . . do re-

* Não garantio a veracidade ou identidade.
* Idem, idem.

* Idem, idem.

pudio de seu marido, caso se não apellide Vieira de Castro e quejandos!

O amor é um imprudente, quando não é um rude selvagem. Enquanto a amizade pára e medita para remediar do melhor modo possível, vageia elle ao acaso como um louco que a todos escandalisa e offende, quando lhe não dá para manchar as aduncas garras no sangue — ás vezes innocente — da mulher amada!

Qual é o homem que mais se parece com um carrasco? É o credor que abusa do seu devedor com uma penhora.

A velhice é relativa: Um homem é mais novo aos sessenta annos do que um burro aos vinte.

Não te enamores da mulher que ri de tudo, ou que, por qualquer nada, soffre de ataques de riso.

Os pequenos confiam nas promessas dos grandes em certas occasiões mais ou menos criticas; mas os grandes apenas se servem d'elles para chegarem aonde querem.

Porque é que os maus são obsequiados e attendidos a despeito dos bons? Porque d'estes... não ha que temer.

Quando um homem morre é que havia de nascer, tendo soffrido o que soffreu e visto o que viu; porque então seria um modelo de virtudes.

Os paes que não educam seus filhos na boa moral, são tão maus que nem para si são bons; porque taes filhos não teem paes.

Ha conveniencias que só apparecem uma vez na vida: quem as acceita logo... nunca mais as torna a vêr.

Ninguém chame fraco ao homem que sabe vencer-se, por mais tímido que lhe pareça.

A crença religiosa é a base de toda a felicidade... presente e futura. O descrido, por mais feliz que pareça, não passa d'um desgraçado que treme ao lembrar-se da morte.

Aonde estarão os povos d'hoje d'aqui a cem annos? Sabios e tolos, ricos e pobres, terão desaparecido todos de sob a face da terra... para dar lugar a outros! Que inexoraveis metamorphoses!... E porque não hade o mundo... valha-nos Deus!

ALVES D'ALMEIDA.

primeiro, allegando que, apesar de nascido depois do seu matrimonio, não era legítimo, mas havido d'união ilícita que tivera com A., pae d'Augusta.

Podavia, as relações entre esta e Francisco continuaram, consentindo-as e approvando-as os paes d'ella. Depois d'algum tempo contrahiram o chamado matrimonio civil; apesar do empregado que o auctorizou ter acudido ao tribunal para que se procedesse contra os contrahentes, por crer incestuosa a sua união, desattendeu-se a referida denuncia, em attenção a estar inscripto Francisco no livro parochial como *filho legítimo*.

Apesar da sentença do tribunal civil, o parcho não quiz auctorisar o matrimonio pelo dito impedimento. Em consequencia d'isto, Francisco queixou-se ao Bispo, que confiou a resolução do assumpto ao seu Vigario, cuja sentença foi declaratoria da existencia de impedimento de consanguinidade em primeiro grau entre Francisco e Augusta, por serem filhos do mesmo pae.

Ao mesmo tempo dispoz a separação dos conjuges, declarando-os além d'isso incurso em excommunhão, assim como seus paes, a não ser que desistissem estes de proteger aquella união escandalosa.

Seguiram assim as coisas pelo tempo de tres annos, até que José, pae d'Augusta, recorreu a Sua Santidade fazendo-lhe presente que a mãe de Francisco havia informado o parcho dolosamente, fazendo-lhe crer que o pae de Francisco e de Augusta havia sido o mesmo; tambem fazia presente que, tendo já sido celebrado o acto civil, o parcho se negou a auctorisar o matrimonio ecclesiastico obrigando os contrahentes a separar-se, o que era impossivel, porque havia já tres filhos, e além d'isso porque a lei civil prohibia a separação; por tudo o que solicitava a graça de que se podesse verificar o matrimonio canonico.

Allegadas as convenientes razões ante a Sag. Cong. do Conc., perguntou-se se o Decreto da curia devia ser confirmado ou revogado, e em 14 de junho de 1884 dignou-se responder que devia ser confirmado.

DEDCÇÕES

1.^a A todos alcança a obrigação, imposta pelos sagrados canones, de denunciar os impedimentos dirimentes, se se trata d'um matrimonio já contrahido, ou d'um que está por contrahir: por isso as causas matrimoniaes se chamam causas populares.

2.^a Não se requer uma demonstração rigorosa e evidente da existencia de impedimento, quando se trata d'um matrimonio ainda não contrahido; porque

não milita em seu favor a razão da santidade do sacramento, como acontece tratando-se d'um matrimonio já contrahido. Qualquer prova, ainda que leve, é bastante para a denuncia.

3.^a E' sentir *commun* dos Doutores que de modo algum deve admitir-se para a celebração do matrimonio as pessoas entre as quaes, segundo declaração da mãe d'elle ou da contrahente, existe consanguinidade, especialmente se concorrem outros indicios em apoio da dita declaração.

4.^a No caso de que se trata, aggregaram-se á denuncia da mãe do esposo taes indicios em sua corroboração, que constituíam prova sufficiente para impedir a celebração do matrimonio.

Decreto da Santa Inquisição romana e universal

Quarta-feira, 15 de abril de 1898.

Aos outros desenfreados abusos que fizeram com que fosse condemnada a assembleia constituida em Loigny, na diocese de Chartres:—visões particulares, revelações e prophecias, mas na realidade inverosimeis extravagancias que ella tem por costume espalhar ha alguns annos entre o povo e sustentar com pertinacia sem ter em consideração nem a verdade nem o respeito devido á gerarchia sagrada—acaba d'ajuntar-se uma nova e incrível audacia. No 85.^o numero da publicação periodica que tem por titulo os *Annaes de Loigny*, veem publicados actos inventados e n todas as suas peças, que dão como tendo sido emittidos nos consistorios pontificios effectuados nos dias 29 de novembro e 2 de dezembro de 1895.

O ponto essencial d'esses actos fôra uma opinião emittida de viva voz pelo Soberano Pontifice approvando a dita publicação. Tambem fôra concedida a approvação a essa sociedade que tem o nome: *Des Epouses du Sacré-Cœur de Jésus Penitent*, e á obra d'essa sociedade. A interdicção lançada pelo Ordinario de Chartres contra Mathilde Marchat, que se attribuiu o nome de Maria Genoveva, fôra annullada, esta mulher ia ser admittida de novo aos sacramentos como por um acto de justiça e as suas pretendidas visões seriam consideradas como divinas.

Parece que os fieis foram já sufficientemente prevenidos para se acautelarem contra estas mentiras, quer pelos actos do Ordinario de Chartres que esta suprema Congregação approvou e confirmou, quer sobretudo pelo decreto que, desde 27 de junho de 1894, procreve esta mentirosa e impudente serie aos *Annaes de Loigny*. Entretanto pareceu necessario fazer uma nova de-

SECÇÃO THEOLOGICO-MORAL

Actos da Santa Sé

Impedimento matrimonial

M 1878 Francisco e Augusta travaram relações com o proposito de se casarem; oppunha-se, porém, a mãe do



S. PEDRO CELESTINO, PAPA E CONFESSOR

claração para que os christãos não sejam illudidos por este novo embuste.

Esta suprema Congregação do Santo Officio instituida contra as heresias, por ordem expressa do Nosso Santo Padre o Papa Leão XIII declara e significa a todos os fieis e a cada um d'elles que os actos do Consistorio pontificio publicados na dita brochura são falsos em todas as suas peças; e procreve e ordena que sejam considerados como falsos e mentirosos.

Além d'isso a prohibição que feriu os *Annales de Loigny*, e de que se fala mais acima, deve subsistir. O numero 85 d'esses mesmos annos, designado já, que publica falsos actos consistoriaes e alguns outros documentos dignos de desapprovação, é e continua interdito. Todas as decisões tomadas, quer pelo Ordinario de Chartres, quer pela Santa Sé contra a pseudo communitade de Loigny são ratificadas e confirmadas. A mulher de que acima se

fala continua subjeita á interdição, reservando-se o Soberano Pontifice o poder de a absolver se ella se arrepender, salvo em artigo de morte. As visões, as revelações e as prophcias de Loigny são falsas, inventadas e devem ser olhadas por todos como falsas e inventadas. Aquelles que tomam parte n'esta obra de mentira, qualquer que seja o seu sexo, condição e dignidade, aquelles que a approvam ou a ella adherem, que lhe dão de qualquer maneira o seu auxilio ou suffragio, são, a não ser que não sejam resipientes, absolutamente inaptos para receber a absolvição ou os santos sacramentos.

Todas estas decisões deverão ser publicadas segundo os modos prescritos.

L. † S.

JOS MANCINI,

Escritor da Santa Inquisição romana e universal.

SECÇÃO LITTERARIA

Aos suicidas

Quando um homem—velho ou novo—
Não veja o seu Criador,
Não roube a crença do povo
Que o vê do sol no esplendor.

Não é saber a estulticia
Da saboça negadora,
Que gera a terra malleia
De immeasos crimes auctora.

E se isto não é verdade,
Que o digam n'os suicidas
Que, apesar da liberdade,
Morrando matam mil vidas.

Que o digam Castellos Brancos
E Julios Cezars Machados,
Que, ao passar simples barrancos,
Caem como uns desgraçados!...

Quem se mata é um covarde,
Ou, pelo menos, um louco
Que da morte faz alardo
Por qualquer nada, ou por pouco.

Camillo, porque cegara,
Dá um tiro n'um ouvido,
Cezar, porque n'um filho errara,
Descrente limita-o descrido!...

Aonde avulta o saber
D'estes dois astros fulgentes?
E' no seu louco descrer
Ou no esforço dos demontes?

A moral aonde avulta
Que os dois homens ensinaram?
E' na morte que os sepulta,
Ou na vida que ultrajaram?...

Deus é o dador da vida,
Que a tire quem nol-a deu:
No mais songa suicida
Mora o louco, ou o atheu!

ALVES D'ALMEIDA.

SUZANNA

Estavas, linda Suzanna,
Colhendo de amor o fructo;
Mas eis que a torpeza humana
Te cobre a dicta de lucto:
E's accusada de impura
Por lingua infame e perjura!

Para tentar desculpar-te
D'uma culpa que não tinhas;
Mas silvam por toda a parte
Serpes mil, foras danninhas:
•Morra, morra a prostituta,
Que o povo morta a reputal!

Já subindo ao cadafalso,
Gomes n'um grito abafado:
•Vou morrer; mas tudo é falso,
•Joakim não foi ultrajadol
•E a suprema Divindade
•Punirá... tanta maldadel!

Mas quando o golpe se erguia,
Eis que o bom Deus de Israel
Seguro escudo te avia
No propheta Daniel:
E dois vis accusadores
Morrem por diffamadores.

ALVES D'ALMEIDA.

EM QUE PENSARÃO

—Em que pensarão n'os pobres,
Diz um grande de avental;
Enquanto cá nós os nobres,
Rido vamos... do seu mal?

—Pensam melhor do que a gente,
Responde um ou ro seguro:
Nós peccamos no presente,
Eles . . . pensam no futuro...

—Não ba segundo no porte,
Mofa um terceiro, jucoso:
—E' que já lhe cheira a morte,
Torna o primeiro, vaidoso.

ALVES D'ALMEIDA.

ALLELUIA

Exultao, ó natureza,
Que a escravidão acabou!
Rasgae o vou da tristeza,
Que Jesus resuscitou!...

Aves de Jerusalem! . . .
A que o successo enluctou,
Exultao hoja tambem,
Que Jesus resuscitou! . . .

Brilhae, astros esplendentes,
Que foi Deus quem vos criou;
Mas hoje mais resplendentes,
Que Jesus resuscitou! . . .

Exultao, ó universo,
Que a verdade triumphou!
Para traz. anj. perverso,
Que Jesus resuscitou! . . .

ALVES D'ALMEIDA.

UM REI

E' de Dom João segundo
Este grande pensamento
Que não é nenhum portento,
Mas que é preciso no mundo:
•Quem se deixa governar
•Não é digno de reinar.

João pode ter peccado,
E peccou como a relé;
Mas quem de tudo dá fé,
Diffilmente é lagrado:
E João sabe onde vao
O bom filho e o mau pao.

Não nomeia por empenhos
Os seus ministros de Estado,
E faz subir ao Senado
Os mais conspicios engonhos;
Porque bom sabe onde vao
Os primelros . . . da nação.

Nom para cargo importante
El-Rei aceita proposta,
Que d'essas coisas não gosta
Qu'um por si tem luz bastante:
E o seu *livrinho* secreto
Já lhe aperta o mais discreto.

Dá o homem ao lugar,
E não o lugar ao homem:
Que seu bello exemplo touem
Os que bem querem reinar,
Exaltar o immoral
E' enthronisar o mal. . .

Premeia o bem como intende,
Castiga o mal como sabe;
E ainda que o seu desabo,
Como sabio . . . não se rende:
Mas uma nuvem obumbra
O sol que a tantos deslumbra!

E' um modelo de reis
Ante os príncipes do mundo,
Mas do sangue o rubicundo
Lhe salpica as sabias leis!
Os duques, João, amança
De Vizeu e de Bragança!

Mas não é rara a . . . foreza:
E a causa vem do desmando
A que Affonso, de mais brando,
Deixa chegar a nobroza:
•Quem se deixa governar
•Não é digno de reinar.

ALVES D'ALMEIDA.

SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA

Reccebemos—*Ai cento spropositi dei protestanti, vinticinque risposte senza replica per uno che legge la Biblia, operetta del Padre Carlo Rademaker, tradotta sulla 3 ediz. portoghese per D. Luigi Bussi.*

E', como se vê, a traducção do excellento livro do pranteado Padre Carlos Rademaker, edição do chorado fundador do *Progresso Catholico*, snr. Teixeira de Freitas.

A edição italiana traz uma resumida biographia do rev.^{mo} Padre Rademaker, transcripta do *Progresso Catholico*.

O traductor é redactor do *Corriere Nazionale, do Ateneu Religioso, litterario scientifico, do Silvio Pellico*, de Turim, do *Amico delle Famiglie*, de Genova.

Agradecemos a offerta.

O arrojado editor catholico, snr. Antonio Dourado, continua a dar-nos publicações preciosas com uma assiduidade que chega a espantar, visto que o nosso moio não é dos mais favoraveis para tanto arrojio e dedicação. Agora acaba de publicar uma — *Novena de preparação para a festa do Sagrado Coração de Jesus*, de que é auctor o rev. Padre Carlos Borghi, da benemerita Companhia de Jesus, traduzida do italiano.

Lemol-a e achamol-a excellente. Além de boa e solida doutrina, a novena está impregnada d'uma piedade que não pôde deixar de tocar os corações.

O Padre Carlos Borghi escreveu esta *Novena* principalmente para religiosas, mas pode ser lida com muito proveito por todos os fieis. Para casas d'educação também é muito recommendavel.

E' leitura que não enfada e que não deixa o coração vasio.

A *Novena* é approvada pelo nosso Em.^{mo} Prelado, depois de ter ouvido o parecer do douto professor de sciencias ecclesiasticas, rev.^{mo} dr. Joaquim Luiz d'Assumpção, que a achou muito propria para afervorar a piedade dos fieis.

Depois d'isto, nada mais é preciso dizer.

A *Novena* custa apenas 200 réis encadernada.

Ao nosso amigo, snr. Antonio Dou-rado, agradecemos a offerta, e louvamos mais uma vez pela persistencia e arrojo com que vae enriquecendo a sua *Bibliotheca Catholica* de livrinhos baratos e substanciosos. Avante!

SECÇÃO NECROLOGICA



Falleceu na Covilhã o ex.^{mo} Monse-nhor dr. Francisco Rodrigues d'Oliveira Grainha. Era um medico distincto e um sacerdote exemplarissimo.

Monsenhor Francisco Grainha trabalhou, como poucos, na vinha do Senhor: os seus dias foram cheios de me-recimentos.

Deixou testamento, nomeando univer-sal herdeiro seu sobrinho, o rev.^{mo} Pa-dre Salles.

Aos nossos leitores pedimos as suas orações por alma do finado e virtuoso sacerdote.

SECÇÃO ILLUSTRADA

Leitura da lei na Synagoga

(Vid. pag. 99)

Não precisa de descripção esta gra-vura. Ella e o titulo dizem tudo.

S. Pedro Celestino, Papa e Confessor

Vid. pag. 107)

Pedro tinha apenas 20 annos quando, furtando-se á casa paterna, se retirou para um monte, onde se lhe deparou

uma rocha que se lhe afigurou propria para os seus designios. Cavou e ali arranjou um alojamento, dentro do qual podia apenas deitar-se ou ficar de pé. Passou alli 3 annos em austeridades es-pantosas e continuas tentações.

Por mais que se escondesse, a virtu-de manifestou-o; muitas pessoas o vieram visitar, que o aconselharam a orde-nar-se e o obrigaram a ir a Roma re-ceber ordens sacras.

Tendo sido impedido pela neve que cobria toda a montanha, a ideia da su-blime dignidade do sacerdocio atemorizou-o, e a consideração da sua indigni-dade moveu-o a tomar a resolução de nunca se ordenar. N'esta triste perple-xidade appareceu-lhe um veneravel velho, vestido de branco, que lhe disse: «Dize missa, meu filho, diz missa.» Tendo-lhe o nosso santo respondido que S. Bento e outros santos não tinham nunca ousado receber ordens sacras, acrescentou: Como, pois, um peccador, como eu, seria digno d'isso? «Digno! sim, filho, replicou o santo velho, e quem é que o foi jámais? Dize missa com devoção e respeito, diz missa.» E di-zendo isto, o velho desapareceu. Não delibera nem mais um instante, vae a Roma, onde, tendo recebido o sacer-docio, regressou á Apullia, resolvido a levar uma vida que correspondesse á santidade do character, com que Deus o honrara; retirou-se ao monte Murron; aqui escolheu uma caverna que muito se parecia com um sepulcro, na qual havia uma serpente monstruosa, que d'ella saiu, logo que o santo entrou.

Passou cinco annos n'esse deserto medonho; mas vendo que abatiam o matto que estava em volta para devol-ver o campo á cultura, abandonou esse logar e dirigiu-se para o monte de Magella, que lhe proporcionou uma vasta e profunda caverna, onde se acolheu com outros dois solitarios, que deseja-ram viver debaixo da sna direcção. O numero dos solitarios augmentou, de modo a tornar-se uma ordem de reli-giosos, chamados celestinos.

Havia 14 mezes que a Santa Sé es-tava vaga por morte do Papa Nicolau IV; decorreram ainda treze sem que os Cardeaes, reunidos em Perusa, podessem accordar na eleição do seu succes-sor, quando, cansado d'uma demora que fazia gemer todo o mundo catholico, o Cardeal d'Ostia, Latino Malabranca, propoz, por uma inspiração secreta, o santo solitario Pedro de Murron. Todo o Sacro Collegio applaudiu tão digna escolha.

O santo não queria acceitar a thiara e fugiu; foi, porém, apanhado e obriga-do a ceder aos rogos de todos. Foi sa-grado e coroado na cidade de Aquilleia a 17 d'agosto de 1294. Tomou o nome de Celestino V.

A vida do retiro attrahia-o, porém, mais do que a dignidade de supremo Pastor. Refuncionou, pois, solemnemente ao pontificado em pleno consistorio a 13 de dezembro, cinco mezes e oito dias depois da sua exaltação.

No dia de Pentecostes de 1296, depois de ter celebrado missa com um fervor extraordinario, declarou a dois religiosos da sua ordem, que estavam com elle, que morreria com certeza dentro da oitava. E falleceu a 19 de maio com 75 annos d'idade e dezese-te mezes depois de ter renunciado ao pon-tificado.

Manifestando Deus todos os dias a santidade do seu servo por milagres, o Papa Clemente V, no anno de 1305, mandou trabalhar no processo da sua canonisação, que foi celebrado em Avinhão a 5 de maio do mesmo anno.

RETROSPECTO

O Padre Loyson em Jerusalem

Escrevem de Jerusalem o seguinte, em data de 27 de abril de 1896, ao *Univers*:

Snr. redactor. — Remetto-lhe, a titulo de informação, deixando-lhe plena liberdade para as publicar ou não, algumas extravagancias do ex Padre Jacintho na cidade santa.

Chegado a Jerusalem, na segunda quinzena de fevereiro, este desgraçado teve a audacia de escrever a Monse-nhor Piavi, Patriarche latino, propon-do-lhe o intender-se com elle (*sic*) sobre os meios d'obter a reconciliação das diversas religiões que se praticam na Palestina. Como o Prelado não respondesse, dirigiu-se ao governo local que, só dois mezes depois, concedeu a licença que o apostata lhe pedia. Aqui, julgava-se geralmente que o transfuga do claustr., que se fez, diz-se, copta scismatico no Cairo, sem duvida com o fim de converter aquelles dissidentes á união monstruosa de todas as seitas e divisões christãs, musulmanas e israelitas, aqui julgava-se, dizia eu, que o insensato apostata não encontraria local onde podesse exhibir as suas loucuras. Engano! Achou, em fim, uma casa ás portas da cidade. Um cartaz rubricado pelo governo annunciava solemnemente que o snr. Loyson (o Padre Jacintho) daria em francez uma conferencia gratuita sobre *A reconciliação dos israelitas, christãos e musulmanos*.

A conferencia realison se no dia 26 de abril passado. O numero dos ouvintes (uns cincoenta armenios scismaticos e judeus) devia ser restricto, porque a sala era pequena. «A religião israelita, disse elle, é boa, mas tem defeitos; a musulmana também é boa, mas ne-

cessita d'uma reforma; a religião christã seria boa, se só adorasse a Deus, mas o seu grande defeito é inclinar-se perante uma auctoridade, sem duvida respeitavel, mas da qual não se devia fazer uma divindade.»

A allusão é clara. Mas nem os scismaticos, nem os judeus ligaram grande importancia ás palavras da apostata. E podiam applicar-lhe o *sic vultus ut farina es*, a elle que deixou de adorar o verdadeiro Deus, para cair na idolatria do ouro e da carne. Para o Padre Jacintho o governo ottomano é o typo modelo dos governos. E para prova, as ultimas carnificinas da Armenia.

O conferente excluiu do seu programma os *latinos*. Fez bem, porque estes conhecem muito bem o apostata que, em materia religiosa, é um perfeito camaleão. A principio velho catholico, depois protestante, depois racionalista, depois mormon, depois copta scismatico, e agora tudo... judeu, musulmano, scismatico, protestante et reliqua...

O catholicismo nos Estados-Unidos

Converteu-se ao catholicismo, abandonando a seita episcopal, o snr. Frederico Sherman, capellão da marinha de guerra dos Estados-Unidos norte-americanos. O snr. Sherman entrando na Igreja de Christo perdeu a sua convidativa posição official.

As missões catholicas dadas n'aquella republica aos protestantes, têm produzido bellos resultados. O snr. Bispo de Pittsburg delegou dous sacerdotes que dêram tres missões. Na primeira fizeram doze conversões, na segunda onze e cinco na terceira. Sobre quarenta protestantes que assistiram na cathedral á missão catholica, vinte já abjuraram o seu erro.

Estas conversões são o prenuncio d'outras mais numerosas logo que os Bispos americanos estabeleçam, como recommendou o Santo Padre, nas suas dioceses, missões catholicas exclusivamente para os protestantes.

Um missionario protestante fuzilado

No Congo belga, o commandante Lothaire, processado por ter mandado fuzilar o missionario inglez Stokes, foi absolvido. O tribunal reconheceu que Stokes era o chefe d'um bando.

Ordenações anglicanas

O Santo Padre disse ao conego Lenton, da diocese de Westminster, que a grave questão das ordenações anglicanas, ora submettida ao exame do Santo Officio, brevemente será resolvida pela auctoridade suprema do Pontifice romano.

Decisões d'um Congresso

O congresso catholico de Milão formulou, além de outras, as seguintes decisões:

1.^a Os catholicos devem procurar fazer sentir na vida politica, administrativa e scientifica do paiz a influencia da doutrina catholica.

2.^a Nunca devem abster-se de exercer esta influencia no movimento eleitoral, cuidando da educação e da organização dos eleitores.

3.^a Os catholicos não devem interpretar o programma da abstenção, não tomando parte na vida politica. Ao contrario, devem considerar precisamente a abstenção como um acto positivo da vida politica em relação a todas as outras manifestações.

4.^a Os catholicos devem manifestar-se sempre, até no campo social, observando esta direcção pratica e theorica que responde ás doutrinas do Papa, aos mais recentes resultados da escola catholica.

Esta direcção preconiza a transformação das organizações politicas no sentido francamente democratico e uma applicação melhor da justiça nas relações economicas.

Os catholicos devem conservar sempre distinctamente a sua posição de partido sem por isto desprezar o estudo de accordos eventuaes com os outros partidos que permitem esperar, em determinadas occasiões, bons resultados para a acção catholica.

A actual tarefa das associações catholicas é principalmente a de formar homens honestos e firmes nas suas ideias, como habeis na administração dos negocios publicos.

Patriarcha do Palladismo

Carlos Floquet, ha pouco fallecido, era patriarcha do palladismo. Para o substituir foi escolhido o Ir.^o Edgar Monteil, que já foi em tempo condemnado a tres annos de cadeia pela publicação de um romance diffamatorio dos Irmãos da Doutrina Christã e fez parte da communa de Paris. O Ir.^o Bourgeois nomeou-o director dos serviços externos do ministerio do interior.

Conferencias sobre a maçonaria

De la Rive, redactor da *Franc-maçonarie demasqué* e auctor de valiosos livros sobre a maçonaria, fez ha pouco cinco notaveis conferencias sobre esta nefasta sociedade: uma em Turim e quatro em Roma.

Revelou todos os mysterios da seita, que muitos dos seus proprios membros não conhecem. Mostrou que as iniciaes J. B. M. das tres palavras dos primeiros graus (*Jukim, Booz, Moebenc*) significam para os altos iniciados *Jesus Bethlehemitus Maledictus* e as da pala-

vra do rosa cruz J. N. R. J. *In Nomine Regis Inferni*; referiu-se ainda ás parodias infames da missa e á profanação da Eucharistia.

Desvendou assim os segredos tanto da maçonaria escoceza como da palladica.

Uma das conferencias foi encerrada com um eloquente discurso do Cardeal Parocchi incitando os catholicos ao estudo e á acção.

Cathedral catholica em Londres

Vae construir-se na grande capital da Inglaterra, uma sumptuosa cathedral catholica. O Santo Padre Leão XIII concorreu, para esta gigantesca obra, com mil libras, quatro contos e quinhentos mil reis.

O divorcio

Acaba de dar-se n'uma cidade da França um caso engraçado, que vem provar mais uma vez as bellezas da invenção do desgraçado Naquet.

Uma mulher, tendo tentado envenenar seu marido, foi condemnada a dois annos de prisão; após o julgamento, o marido obteve o divorcio e tornou a casar-se, civilmente é claro.

Ora, ha dias, a condemnada saía da prisão e ia installar-se não longe da cidade onde vivia seu ex-marido. Apenas este soube do seu regresso, deixou a mulher n.^o 2 para ir viver com a mulher n.^o 1.

A n.^o 2 surprehendeu o seu infiel esposo e agora vae recorrer ao divorcio.

As boas leituras

Estava confessando se um penitente com um Padre da Companhia de Jesus, e quando a confissão terminou, perguntou o primeiro ao segundo:

— Padre, que jornal me recommenda que leia?

— O *Anno Christão*.

— Padre, digo que jornal...

— A vida dos santos, meu filho.

— Parece-me que não entende o que eu digo, Padre; não falo de livros, falo de jornaes.

— Pois bem, meu filho; leia todos os dias as vidas dos santos que veem no *Anno Christão* e verá o fructo que tira da leitura d'esse jornal... Se o meu Padre Santo Ignacio se tivesse dedicado a ler jornaes, talvez o não venerassemos hoje nos altares. Leu, porém, por casualidade, as vidas dos santos, e a essa leitura foi devida a maravilhosa conversão d'um santo tão grande e tão glorioso.

Errata

Na secção neorologica do passado numero, pag. 96, columna 2.^a, linha 25, lê-se: no dia 8 de maio de cada anno; mas devia ler-se: no dia 8 de dezembro de cada anno.